

O pós-modernismo (?) e as artes plásticas

Francisco Nogueira*

"O Pós-modernismo tem como objectivo libertar a arte do seu enquadramento disciplinar vanguardista, instituindo obras rígidas pelo processo de personalização. Renuncia à face de elite do modernismo, quer acompanhar os gostos do público satisfazendo ao mesmo tempo os criadores. Não passa de uma ruptura de superfície, conclui a reciclagem democrática da arte, continua o trabalho de reabsorção da distância artística, leva até ao extremo limite o processo de personalização da obra aberta, facilitando todos os estilos, autorizando as construções mais divergentes."

Gilles Lipovetsky em *A Era do Vazio*

Este texto tenta construir um breve percurso pelas premissas e desenvolvimento da problemática do pós-modernismo nas artes plásticas, e, ao levantar algumas das preocupações mais sentidas por alguns teóricos na década de 80 do século passado, não pretende mais do que constituir um dos possíveis pontos de partida para reflectir sobre uma questão que ainda continua a suscitar muitas dúvidas, reflexões e intervenções de ensaístas e teóricos da nossa contemporaneidade.

No final do século xx assistimos ainda a grandes rupturas de comportamento e do pensamento humano, a estética não deixou de ser envolvida e comprometida. Tempos em que se questiona o pensamento e o ideal moderno, opondo o ideal colectivo ao individual, a crença no universal, no futuro, na ciência, nas invenções ao ideal do individualismo, à avidez de identidade, da diferença, da realização pessoal. Sociólogos, antropólogos e psicólogos referem-se a um novo comportamento verificável a nível mundial. O surgimento do narcisismo como um paradigma no pensamento actual, assim como o triste desfecho das grandes utopias do século xx, alterações do pensamento científico provocaram a instabilidade do sentido da realidade, motivado por pensamentos filosóficos, a linguagem perde a referência do real.

* Artista Plástico e aluno da Licenciatura em Ciências da Comunicação e da Cultura da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Nas artes plásticas, o Modernismo, que através do pensamento de Clement Greenberg (1962), mais conhecido por *formalismo*, dominou o modelo de análise das artes visuais no período posterior à Segunda Guerra Mundial, tomou como referências de análise artística: a autonomia, a materialidade e a originalidade. Questionando este pensamento, e por oposição a uma certa generalização da *abstracção* dos anos cinquenta, cria-se um debate que marcou a agenda da história e teoria das artes visuais a partir dos anos sessenta, ou seja, a crítica da autonomia, da materialidade e da originalidade, abrindo espaços para os movimentos e correntes que a protagonizaram: minimalismo, conceptualismo e movimentos que utilizam a prática apropriação.

Thomas Kuhn através do livro *A estrutura de revoluções científicas* (1962) apresenta a evolução do pensamento científico como uma série de rupturas ou «paradigmas» em oposição à via racional, progressiva e de continuidade, o Estruturalismo e Pós-Estruturalismo através de conceitos avançados por F. Saussure sem fazer alusão ao «real» e Jacques Derrida, filósofo francês, que nos propõe o conceito de «desconstrução» que refere a importância das entrelinhas, e ainda o conceito de «a morte do autor» que retira a importância do artista na criação da obra de arte defendido por Roland Barthes, constituem alguns dos conceitos mais importantes do Pós-modernismo.

O Pós-Modernismo na arte, embora tenha começado a ganhar contornos na década de 60, só começou a ser aceite como termo artístico em 1979 através de Philip Johnson, no campo da arquitectura, ao fazer apologia do retorno das formas vernáculas num edifício que criou para a AT&T¹.

Além das influências artísticas e filosóficas já referidas para o Pós-modernismo, alguns autores referem-no ainda como herdeiro de obras de artistas como Duchamp, com os *Readymades*, ou de tendências como a Arte Pop, a *Performance*, o Pós-Minimalismo, o Neo-Expressionismo, a *Body Art*, a *Arte Povera*, a Nova Figuração e o Hiper-Realismo, entre outros.

Ao que uns chamam de cultura pós-moderna, ou era do vazio, caracterizada como crítica à obsessão de inovação e à revolução a todo o custo, e, por outro lado, como reabilitação do recalcado do modernismo «...busca de qualidade de vida, paixão da personalidade, sensibilidade extrema, desafeção dos grandes sistemas de sentido, culto da participação e da expressão, reabilitação do local, do regional e certas crenças e práticas tradicionais.»² como refere Gilles Lipovetsky, outros consideram que o Pós-modernismo «...se é que significa alguma coisa, é mais indicado para referir estilos ou movimentos no âmbito da literatura, da pintura, das artes plásticas e da arquitectura...»³ dizendo somente respeito a aspectos de reflexão estética sobre a natureza da modernidade, tese esta defendida por Anthony Giddens, que adianta poder tratar-se não da existência de

uma nova fase mas sim da consciência de uma transição, defendendo que não avançamos para além da modernidade, mas estamos a viver uma fase da sua radicalização, à qual ele chamou de «Modernidade radicalizada».

Uma certeza existe, no âmbito das artes alguma coisa mudou. Archile Bonito Oliva em Itália, defendendo uma das mais recente tendências artísticas contemporâneas, diz-nos que a área cultural em que a arte dos anos 80 opera é a da transvanguarda e, se a vanguarda se desenvolve até então pela ideia evolucionista, a transvanguarda opera fora dessas coordenadas. Defende que esta «não exalta o privilégio de uma genealogia de sentido único, mas, pelo contrário, de uma genealogia aberta em leque sobre antepassados de diversas origens e proveniências históricas. Não existindo apenas a classe alta das vanguardas históricas, existe também, a classe baixa das culturas menos valorizadas, de um gosto proveniente da prática artesanal e das artes menores. Considera ainda A. B. Oliva que «o fracasso da palavra política e do dogma ideológico provocou a superação, da superstição de uma arte como atitude progressista...»⁴ A arte actual tende a não se iludir fora de si própria e a refazer os seus próprios passos. Surge assim uma arte eclética, integrada na actividade mercantil, reclamando o prazer de fazer, o agradável, o hedonista, uma arte sem pretensões sociais ou históricas, uma arte de expressão livre, uma arte que o crítico Renato de Fusco já considerou, ao referir-se a alguns artistas dessa tendência, como a *primeira pintura pós-moderna*.

Em Portugal, realizou-se em 1983 na Sociedade Nacional de Belas Artes (Lisboa) uma exposição de artes plásticas «Depois do Modernismo», reunindo cinquenta arquitectos e dezasseis artistas plásticos, entre eles Ângelo de Souza, Vítor Pomar, Álvaro Lapa, Sérgio Pombo, José Barrias, Palolo e Pedro Calapez. Referia-se então no catálogo desta exposição «...se existe algum programa, está certamente por definir; depois do Modernismo é já o formulário de uma questão: – até onde a modernidade esgotou, ou não, a sua energia avassaladora e se resume hoje a um conceito vazio de conteúdo, pronto a ser utilizado para significar tudo ou nada». Acerca desta exposição alguns dos críticos de arte em Portugal fizeram referência ao «Depois do Modernismo» como sendo um equívoco, motivado por alguma desorientação, introduzido nos campos da estética e das teorias de arte em Portugal. Rui Mário Gonçalves referiu acerca desta exposição que «No pós-modernismo, o revivalismo pelo revivalismo, ainda que historicamente acrítico, não deixou porém de constituir um dado sintomático de uma época artística que intensificou a temporalização do Tempo»⁵. Ainda acerca da arte portuguesa nos anos oitenta, o referido crítico de arte, considera ter havido «falta de reflexão histórica e incapacidade de retomar expressividades locais»⁶ como teriam feito os artistas italianos da transvanguarda em relação à arte desenvolvida no seu país no início do século XX, pesando muito no caso português «o factor moda».

Não havendo respostas fáceis para esta problemática filosófica/estética do nosso tempo, abre-se todo um campo de interrogações e questões sobre as dinâmicas, sentidos, posições de consagração e entendimentos das transformações ou rupturas no fenómeno artístico das últimas décadas, obrigando-nos a repensar questões elementares como sejam: o que é o objecto artístico, a imaginação, o processo criador e ainda questões como o sentido orientador dos objectivos e práticas de artistas e críticos que nas artes plásticas têm protagonizado a arte dos últimos anos.

Notas

- ¹ Eleanor Heartney, *Pós-Modernismo*, Ed. Presença, 2001. pp. 8-11.
- ² Gilles Lipovetsky, *A era do vazio*, Ed. Relógio d'Água, 1989.
- ³ Anthony Giddens, *As Consequências da Modernidade*, Celta Editora, 1992.
- ⁴ Renato de Fusco, *História de Arte Contemporânea*, Editorial Presença, 1988.
- ⁵ Rui Mário Gonçalves, *A arte portuguesa do século XX*, Círculo de Leitores, 1998, pp. 117 e 160.
- ⁶ *Ibidem*.